

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ GEOGRAFIA(S) E TURISMO

Um diálogo possível, preemente e permanente

O Turismo surge e atualiza-se com as práticas dos viajantes. Registrado em 1811 em língua inglesa (ÉQUIPE MIT, 2005¹), o vocábulo adquire caráter polissêmico. Passa também a remeter ao conjunto de atividades econômicas que lhe é característico, às repercussões de caráter sociocultural que lhe subjazem, ao campo de saber estabelecido e reconhecido sobre tal objeto científico.

São conhecidos modelos que demonstram a multidisciplinaridade, em menor medida, a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, necessárias à compreensão do Turismo e seus efeitos. Diversas são as ciências e campos do saber que colaboram para descrição, explicação e compreensão do fenômeno turístico. Dentre as quais a Geografia. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000 surgem os primeiros programas de pós-graduação ligados ao Turismo no país. Paralelamente a isso, linhas de pesquisa e atuação de programas em Geografia acolhem propostas voltadas ao Turismo, vide exemplo da UFRGS, UFPR, USP, UnB, entre outras. Assim, no final dos anos 2010, a Geografia é reconhecida como a principal área a produzir conhecimento turístico fora os doutorados específicos no país (REJOWSKI; MENA-CHALCO, 2019²)

Diferentes construções teóricas tornam o Turismo um objeto geográfico, perspectivas descritivas, teóricas, críticas, fenomenológicas... Por outro lado, o Turismo é um aspecto importante das espacialidades contemporâneas e de um mundo globalizado. Instiga o pensamento geográfico a refletir e refinar sua compreensão a respeito do espaço, territórios, paisagens, ambiente, lugares.

Da “Geografia do Turismo” podemos passar para “Geografias do Turismo” – como querem Hall e Page (2009)³ – ou abordagem geográfica do turismo – como prefere Lazzarotti (2003)⁴. Outra opção seria Geografia(s) e Turismo. Simplesmente posicionando os termos em equiparação e ao mesmo tempo, demarcando a multiplicidade que tal interação pode e deve provocar. Esta é a proposta deste número especial da **Para Onde?!**. O Dossiê propõe-se apresentar uma janela o que se vem pesquisando e produzindo âmbito deste diálogo.

¹ ÉQUIPE MIT. *Tourismes 2: moments de lieux*. Paris: Belin, 2005

² REJOWSKI, M.; MENA-CHALCO, J. P. Mapeo de la producción académica de jóvenes doctores con tesis sobre turismo en Brasil. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Buenos Aires, v. 28, n. 1, p. 38-60, 2019.

³ HALL, C. M.; PAGE, S. J. Progress in Tourism Management: From the geography of tourism to geographies of tourism – A review. *Tourism Management*, Amsterdã, v. 30, n. 1, p. 3-16, 2009

⁴ LAZZAROTTI, O. *Tourisme et géographie: le grand dérangement*. In: STOCK, M. *Le Tourisme: acteurs, lieux et enjeux*. Paris: Belin, 2003. p. 259-282.

O trabalho de Antonio Carlos Castrogiovanni (UFRGS) revisita o exemplo de Porto Alegre a fim de evidenciar a importância dos conhecimentos geográficos para (re)conhecer os processos turísticos. Trata a Geografia como meio auxiliar para o conhecimento turístico, também indicando a Comunicação como caminho interdisciplinar nessa direção. A globalização e o lugar são rediscutidos de modo a inseri-los na discussão sobre na cidade enunciada. O autor apresenta traços da morfogênese da paisagem de Porto Alegre, passando pela fundação da cidade, até chegar a sua consolidação como metrópole regional de serviços. Destaque para a “provocação” que ele faz ao indagar se o espaço turístico seria o objeto de investigação do Turismo. O espaço forma as bases para a oferta turística, no dizer do autor.

Seguindo a linha teórico-conceitual, o artigo de Ana Claudia Macedo Sampaio (UFT), decorrente de tese de doutorado, periodiza estágios de desenvolvimento dos estudos geográficos do Turismo. Primeiro, o inicial ou clássico (século XIX aos anos 1960), metamorfoseando-se na consolidação, até atingir o atual período de pluralização – decorrido da crise paradigmática nas ciências; ali convivem aspectos *social*-materialistas com os simbólico-subjetivos. Também distingue modelos neopositivos (dedutivos, lineares, sem muitas vezes “retornarem” à realidade) e modelos críticos (em que o turismo é visto como mercadoria, como homogeneizador e fetichizador do lugar; a expansão espacial do turismo leva ao acúmulo do capital; buscam-se brechas quanto à possibilidade mudança social). A autora chama a atenção para o relativo desconhecimento da produção no Turismo, por vezes desconsiderando-o como campo de saber autônomo.

Já Pedro Bittencourt César (UCS) elabora trabalho a fim de problematizar como a teoria do espaço turístico (TET) atua na condição de ferramenta para avaliar a apropriação territorial pelo turismo nas regiões. Vale-se da lógica das centralidades, da hierarquização dos atrativos e da ideia de formação de conjuntos micro e macrorregionais, dando indícios da constituição de aglomerados ou arranjos produtivos. Tal análise assinala a revisão e reconceitualização das TETs. Assim, o autor demonstra e reafirma a importância das redes na organização dos territórios, a partir da exemplificação da chamada Serra Gaúcha, referência para o mercado turístico, lócus de expressivos estudos acadêmicos “localizados”.

Susana Gastal e Felipe de Sá (UCS) contribuem com um ensaio teórico em torno dos temas *overtourism*, turismofobia e neocolonialismo. O assunto *overtourism* não é recente. Entretanto, os autores demonstram como o tratamento do tema pode adquirir novos contornos; é possível hoje associá-lo a desdobramentos decorrentes da desterritorialização dos povos originários, da dominação e apropriação capitalista dos imaginários associados (em geral, o imaginário social burguês), e da propagação de tensões inerentes ao capitalismo tardio (criando inimigos a serem combatidos). Países centrais tendem a buscar “novos” territórios da periferia do sistema. Há controle da propriedade estrangeira, não raro com

especulação, mantendo relações de poder a distintas escalas. Mecanismos de dependência são cada vez mais explícitos. Crises capitalistas se fazem acompanhar de reestruturação geográfica. O turismo porta discursos que o viabilizam como fenômeno a atualizar o neocolonialismo, tendendo a culpar o sujeito individual, e não o modo de produção operante, pelas suas mazelas.

Verónica Vico, Francisco Azevedo e Roberto Vico (UFRN, UFRN e USP, respectivamente), contribuem com um estudo de caso detalhado do Arquipélago de Bazaruto, Moçambique. Descrevem e problematizam, frente a problemas estruturais das localidades (fome, baixa instrução e absorção de trabalhadores como subalternos), a captação de recursos financeiros oriundos do acesso às ilhas ou uso de serviços turísticos (receita turística), o repasse e a aplicação destes. Sublinham a necessidade de maior controle social. O cenário é o da internacionalização do turismo, que pode acirrar a segregação socioespacial, diversificar práticas e produzir relações ainda mais controversas entre empresas e autóctones, com hegemonia daquelas sobre estes. Qual seria a solidariedade orgânica possível diante disso?

Hugo da Costa e Maria Pontes Fonseca (UFRN) trazem análises da região Nordeste do país, de onde surgem numerosos e emblemáticos estudos em torno das políticas de turismo, da territorialização do fenômeno e sua economia política. Valem-se da Geografia Crítica, abordando temas como a reestruturação urbana. Realizam reconstituição de fluxos de turistas e trabalhadores, espacializam a localização/arranjos de fixos (como os meios de de hospedagem), realizam análise interescolar de interações espaciais do destino Natal, consagrado pelo turismo de sol e praia, embora disponha de outras atratividades. Tratam o turismo, para além do uso do território, como vetor de globalização, ainda que predominem os fluxos domésticos.

Na sequência, o artigo de Cristiane Alcântara (UFS) perscruta concepções expressas em documentos oficiais do Turismo, voltadas ao modelo neoliberal. Este diz respeito a um paradigma hegemônico orientador, de caráter ideológico, impulsionando a mundialização do capital. O neoliberalismo manifesta-se nas escalas global, nacional e regional, e em nível de Estado. A autora percorre a institucionalização do Turismo nos estados nordestinos, a partir do que ressalta a reprodução ampliada do capital pelo turismo ocorrendo em detrimento da interiorização da atividade e da inserção das comunidades locais nesses processos. Globalismos localizados tendem a reproduzir inclusive determinados padrões urbanísticos: o turismo é um fenômeno vetor de urbanização.

Também voltado ao contexto urbano, Maurício Pimentel (UFPel), ao analisar literatura produzida para turistas, busca compreender como emerge um discurso que caracteriza Porto Alegre enquanto destino turístico. Em uma analogia à obra literária *Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, o autor indica cinco balizas a partir das quais a cidade é descrita e significada. Evidenciam-

se os ideais e valores a partir dos quais a sociedade anfitriã gostaria de ser percebida. Ressalta-se o caráter situado e político do que é compreendido como turístico, bem como ao papel atribuído à figura do turista.

Já Da Soller e Castrogiovanni (UFRGS) traçam paralelos entre Geografia e Turismo por meio da educação, o que não tem sido feito com tanta frequência. Nessa interação, intentam ressaltar o papel do ensino da Geografia, especificamente no âmbito da educação formal, para a leitura das paisagens e para constituição dos lugares, de que participa o olhar turístico. Adotam conceitos geográficos adicionados da teoria das representações sociais, bem como assumem o método da Complexidade. O estudo empírico dá-se em Garopaba, SC. Na tarefa de conhecer a si e de conhecer o Outro, há contínua negociação do lugar de si e o lugar do Outro. Emergem geografias leigas, nas quais operam dialogicamente o estranhamento e a familiaridade. A alteridade e a identidade são essenciais ao turismo. Nesse cenário, a educação para o Turismo pode ser encarada de modo transversal, mobilizando, também, a Geografia Cultural, de modo a contestar formas agendadas, instigando contra-racionalidades frente a racionalidades hegemônicas.

Ainda voltado à educação, especificamente à educação patrimonial, Magaly Barros e Maria Goretti Tavares trazem um exemplo de Belém, PA. Sustentam que a educação valoriza o conjunto patrimonial, que compõe a oferta turística de destinos urbanos brasileiros. Nesse cenário, demonstram e ressaltam como o exercício da participação social e dos direitos sociais podem ser mobilizados/mobilizadores, por meio de práticas culturais, de lazer e cidadania. O Fórum Circular, experiência exitosa por elas relatada, permitiu e necessitou de uma articulação densa de atores urbanos, incluindo os amiúde invisibilizados, visando à apropriação do patrimônio edificado e imaterial. Finalizam considerando, porém, que a participação ampliada é de difícil consecução, especialmente em tempos de pandemia, embora seja necessária.

Thaís Gomes Torres (FURG/UFSM) e Benhur Pinós Costa (UFSM) trazem uma reflexão em torno da geografia dos sabores, relacionando-a às práticas de enoturismo. Voltando-se a lugares de sentido, partem da Geografia Fenomenológica para assinalarem a centralidade do gosto na experiência enoturística, propiciada em localidades do sul brasileiro. Recalibrando o ocular-centrismo do conhecimento e da experiência ocidentais, sinalizam superação desse quadro. Lembram que o enoturismo gera experiências individuais, irrepetíveis e (inter)subjetivas. Discutem a emergência e consolidação de destinos, bem como a reorganização das cadeias produtivas, estando implícitas mudanças técnicas, identidades territoriais, alterações na paisagem e novas experiências ou produtos.

Gabardo, Valduga (UFPR) e Gimenes-Minasse (UAM) discutem a multidimensionalidade da experiência enoturística, a partir de elementos constantes da literatura, comparando-os com achados em entrevistas

concedidas por enoturistas, a respeito de experiências memoráveis e paisagens de vinho. O que torna essa experiência inesquecível? Revelam os autores que, para enoturistas experientes, as dimensões de prazer e saber coexistem. Experiências enoturísticas “autênticas” abrangem o convívio com vitivinicultores e enólogos, a construção de novos conhecimentos, a oportunidade de provar vinhos ainda em sua elaboração, além do prazer estético (visual e gustativo) propiciado pelo vinho e seu entorno. Vitivinicultura ecológica e *slow tourism* também são aspectos apreciados, em uma experiência que é de alto valor – existencial e escapista a um só tempo. Assim, a chamada “paisagem do vinho” porta sentimentos que impactam e emocionam os turistas que a vivenciam.

Por fim, Jaciel Kunz (FURG) traz um recorte espacial e temático de sua tese de doutorado. Lago Merín, um dos sítios de encontro turístico na binacional Lagoa Mirim, é apresentado como objeto geográfico. Por meio de pesquisa multifocal, o autor elabora quadro com as práticas turístico-recreativas que ativam turisticamente o sítio de modo provisório, cíclico e sazonal. A experiência turística envolve o olhar para uma paisagem lacustre, e também, realizar certas práticas corpóreas que pressupõem um engajamento multissensorial com tal ambiente. Muitas vezes, as práticas observadas são mais numerosas e apresentam mais nuances quando comparadas às enunciadas verbalmente pelos entrevistados, ou elencadas em *sites* de Turismo. As representações visuais e as práticas do turista são eixos formadores das experiências turísticas de uma paisagem de férias, em que um olhar coletivo predomina.

Boa leitura!

Porto Alegre, março de 2022.

Antonio Carlos Castrogiovanni
Jaciel Gustavo Kunz
Maurício Ragagnin Pimentel